

BANCO
UNIVERSAL*O Banco de quem enxerga longe.*

Economia - Brasil

Barreira psicológica é rompida sem qualquer impacto

Economistas concordam que nada muda

por Vera Brandimarte,
Maria Christina Carvalho
e Fernando Dantas
de São Paulo

Se o rompimento da barreira dita "psicológica" de US\$ 1,00 por R\$ 1,00 foi recebido com grande tranquilidade quando ocorreu na banda oficial cujo limite superior foi fixado em R\$ 1,06 no final de janeiro, pode-se dizer que o mesmo rompimento na "minibanda", que bateu em R\$ 1,00 nesta última sexta-feira, transcorreu em paz celestial.

"Um evento que é muito esperado, quando ocorre, não tem impacto nenhum. O fato do câmbio ter chegado à paridade pode até dar manchetes de jornal, grandes títulos, mas não muda nada", disse o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega.

Maílson aproveitou a ocasião para defender a política econômica do governo, e criticar os seus críticos. "Este tema sobre a necessidade ou não de fazer um ajuste no câmbio vai e volta, mas o fato é que não existe nenhuma crise cambial; em um País em que é difícil fazer política econômica, e a âncora em câmbio e juros trouxe estabilidade econômica, ninguém que estivesse hoje no poder mudaria este quadro", disse Maílson.

Ele lembrou que a estabilidade econômica no Brasil é precária, mas é alicerce do apoio às reformas. "Por isso, o governo não pode correr o mínimo risco", disse o ex-ministro.

"É fácil criticar os juros", continuou Maílson, "mas difícil é estar sentado lá, com a demanda subindo, como no início do plano, sem um elemento seguro de medição para saber se uma taxa de juros primária de 4% naquele momento era ideal ou alta demais; hoje é fácil dizer que 4% foi taxa alta demais, mas qualquer um teria feito o mesmo, teria puxado os juros, porque se não o fizesse teria perdido o plano".

Para Maílson, "o crescimento da economia tem que vir em função das reformas". Crescer sem ajuste fiscal, acrescentou, é "entrar numa tempestade sem bússola e sem le-



Maílson da Nóbrega

me, com risco de bater no rochedo".

Maílson duvida que o governo "jogue essa estabilidade obtida fora e mude a política cambial", já que considera que não há risco de crise no balanço de pagamentos. "O que o governo poderia fazer, e é o menos complicado, é

acelerar a queda dos juros; se eu estivesse sentado lá não arriscaria a mexer no câmbio", concluiu.

O ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, concorda com Maílson em que o fato de a cotação do dólar ter chegado a R\$ 1,00 "não significa nada para o Plano Real, é absolutamente normal, sem nenhuma relevância".

Para Pastore, o sucesso do plano de estabilização está ligado à geração do equilíbrio interno, caracterizado por taxas de inflação baixas, e pela manutenção do crescimento econômico e do equilíbrio externo, definido como a existência de déficits sustentáveis nas contas correntes.

"Os dois equilíbrios podem ser obtidos com as políticas fiscal e monetária, que alteram a demanda agregada de bens, ou com um instrumento que altere sua composição e a da oferta, a taxa cambial", disse Pastore.

Pastore, porém, vem manifestando preocupação com o desaquecimento econômico, e acha que o governo está errando em manter o real valorizado: "O Plano Real significa estabilizar a inflação pela política cambial e manter o câmbio estável com uma política monetária contracionista. Desta forma, temos uma inflação baixa, um câmbio valorizado, mas a economia andando de lado".

Para Sérgio Werlang, economista e diretor do Banco da Bahia Investimentos (BBI), a paridade alcançada entre o limite superior da minibanda do real e o dólar é consistente com a política cambial do governo, de pequenas desvalorizações e controle da entrada de capitais externos. O economista Paulo Nogueira Batista, por sua vez, observa que o governo introduziu "uma reindexação silenciosa do câmbio".